

O pedotriba e a educação física antiga

o primeiro professor, a primeira paideia e o pecado original

César Nunes

Professor do Defhe (Unicamp) e Coordenador Executivo do **Paideia**

A educação grega configura uma página original da cultura ocidental como um todo. Embora se reconheçam distinções entre a *paideia* ateniense e a educação espartana, para citar alguns referenciais proeminentes, as marcas estruturais do modelo educacional proposto às crianças e jovens possuía uma base econômica e social comum: a sociedade e o modo de produção escravista antigo. A educação era uma distinção de classe, somente os senhores proprietários de terras, os nobres ou patrícios, tinham acesso e mantinham um eficiente sistema educacional aristocrata. Em Esparta, cidade de configuração militar, a educação das crianças e jovens recebeu contornos coletivistas e igualitários, mas em Atenas, matriz do escravismo helenista antigo, a *paideia* grega seria estritamente masculina, marcadamente esotérica e pautada na formação do cidadão grego para a vida e atuação na unidade familiar (*genos*) e depois na *polis*.

A primeira escola ou primeira *paideia*, tal como se definia o ideal educativo ateniense que vigorara desde a primária organização das cidades, entre as quais se destacaria Atenas, e o período esplendoroso do auge político da cidade com a invenção e institucionalização da democracia, efetivada entre os séculos V e III a. C., era definida como a *escola* e *paideia arcaica*. A *paideia arcaica* consistia na educação dos filhos dos senhores nobres e proprietários, era voltada exclusivamente para a educação dos meninos e acontecia tanto na casa dos senhores de terras como em residências próximas, pertencentes a professores avulsos, ou cedidas pelos senhores em condições singulares, que recebiam as crianças patrícias em suas casas ou ministravam aulas e lições nas casas dos nobres mediante pagamentos precários e incertos. O ofício de professor era considerado atividade sem nobreza, exercida por nobres decaídos, alguns charlatães, por fugitivos de outras cidades, senhores que se tornaram escravos por dívidas e outros tantos nobres

decadentes desertores, quer aqueles afastados por ferimentos militares, quer aqueles que se exilavam de seus núcleos em função de crises e derrotas políticas. Ser professor significava pertencer aos quadros de profissionais marginais mantidos no ostracismo e que eram facilmente controlados pela necessidade de sobrevivência e provisoriedade de sua atividade ou função.

A *escola arcaica* era formada pelo professor de educação física ou pedotriba, uma espécie de instrutor de atividades marciais e militares. Ensinava lutas corporais, equitação, natação e preparava as crianças para as lutas e os jovens aos exercícios militares e futuros trunfos nos jogos olímpicos. Consistia em aulas numa área ou pátio aberto chamada *palestra*, uma área livre circular onde as crianças ficavam em pé ou sentadas em círculo monitoradas pelo pedotriba que ensinava os movimentos e exigia intensa repetição dos alunos, até à exaustão, acompanhadas de um instrumento musical (oboé ou cítara) manejado monocordicamente. Dos 7 aos 12 anos se constituía uma fase da educação corporal e física, marcada pelos exercícios, caminhadas, jogos e lutas, recheada de instruções de equitação, natação, e mesmo os movimentos gestuais, considerados elegantes para a nobreza. Dos 12 aos 18 anos estavam organizadas novas atividades para os adolescentes e jovens, agora voltadas à luta corporal, ao atletismo, aos jogos de dardos e levantamento de pesos, ao cultivo da beleza corporal e delineamento corporal-muscular estético. Esse segundo momento era definido como *gymnasia*, espaços ou salas onde os jovens estavam sempre nus, em espaços circunscritos para as lutas cada um portando um saquinho de areia, para esfregar as mãos, um pote ou bule portátil de óleo para passar sobre o corpo, uma toalha com suas marcas e nomes e muita disposição para as disputas e expressões corporais. Os *gymnasia* eram celeiros de jovens militares e atletas olímpicos, heróis populares e hábeis amantes. Configuravam o ideal estético ateniense e eram os símbolos da juventude, do esplendor, da sensualidade e beleza entre os gregos. Nessas duas etapas escolares o professor mais destacado era o pedotriba. Um instrutor austero, um exigente monitor, um mestre que impunha medo e admiração. Os castigos físicos eram comuns e a pedagogia da emulação, da competição, do alto rendimento como ideal de vitória eram suas expressões. Um professor de sucesso que lograsse formar atletas

vitoriosos e militares destacados alcançava riqueza, popularidade e prestígio social.

Dois outros professores formavam a tríade da *escola arcaica*; o *citarista*, que ensinava música, tanto o controle melódico das notas e expressões musicais quanto o manejo do instrumento, sem nenhuma partitura, e o *gramático*, que ensinava as primeiras letras e depois instruía os adolescentes e jovens nas rapsódias e nos textos homéricos. Para a *paideia arcaica* Homero era o grande educador e suas obras, a *Ilíada* e a *Odisséia* eram consideradas como vigas mestras de grandes tratados de história, geografia, moral, ética, política, estética e sabedoria, própria dos gregos. As expressões *escola arcaica*, *paideia arcaica* e *escola homérica* referem-se ao mesmo fenômeno institucional e pedagógico, a escola e pedagogia aristocrata greco-ateniense que vigorou até o advento da democracia no século V a. C..

Com a organização da democracia ateniense assistiremos a um enfrentamento prático e teórico entre os ideais da educação arcaica (física, literária e musical) e os novos ordenamentos e exigências da cidade: a educação política, a formação cultural, o adestramento para a persuasão e o triunfo da retórica na democracia direta da cidade. Surge então a *escola do alfabeto*, a segunda escola e ideal educativo ateniense. Era uma escola voltada para a instrução nas primeiras letras e sua continuidade interpretativa, com a exigência da ampliação vocabular e reflexiva, a conquista da força da expressão retórica, o adestramento do espírito e da razão em vista das disputas filosóficas e verbais, a preparação nas contendas e debates públicos. Uma escola propedêutica à cidadania, voltada para formar o aluno e prepará-lo a assumir as decisões coletivas e interesses grupais, para a cidadania ou *politeia*, a arte de obter vitórias políticas na cidade.

Na *escola do alfabeto* o *gramático* se robustece, supera o *citarista* e o *pedotriba* em importância estratégica. Logo mais esse profissional seria superado pelo aparecimento e atuação contundente do *filósofo*, destacada a partir da ação educacional dos sofistas e da crítica social e ideológica feita por Sócrates e Platão sobre esse vertiginoso e original movimento cultural, pedagógico e político em Atenas. Mas isso é outro assunto para mais pano para manga em outra freguesia. A educação física aristocrata e sua sanção

estética e musical perdem espaço e prestígio, abrindo alas para o triunfo do discurso racional, da esgrima lógica, do aparato político e das disputas dialógicas retóricas e dialéticas. O emergir da formação política do cidadão grego coincide ou provoca o ocaso do prestígio social e pedagógico do pedotriba, relegado cada vez mais a mero instrutor da prole aristocrata, um profissional exótico e supérfluo, um *personal trainer* servil das aristocracias decadentes superadas pela nova ordem política.

Trata-se de exigente tarefa essa comparação ou cotejo, em vista da similaridade de origem dessas duas conformações institucionais e pedagógicas: as duas escolas e *paideias* são expressões da mesma classe ou grupo social, os senhores de escravos e terras atenienses. Não há como inferir uma distinção de classe, o que em muito facilitaria nossa digressão interpretativa, por não se configurar tal situação nesse movimento de ajuste ou deslizamento de frações de classes entre si, numa evolução particular e própria. Tivéssemos um tipo de atuação, contornos institucionais e significações pedagógicas e políticas de uma escola de escravos teríamos melhor sorte em nossa tarefa analítica e na conseqüente finalização do presente ensaio.

Sobretudo, o que nos interessa destacar é a contradição. O arquetípico professor de educação física, o pedotriba da aristocracia escravista, não pode ainda ser a inspiração de nossas propostas políticas e ideais pedagógicos. Cumpre igualmente rechaçar a radical divisão entre o profissional e educador do corpo, voltado para a conquista das perfeições aristocratas da música, da literatura, das artes marciais e ginásticas e o professor das habilidades do espírito, o retórico, o instrutor dos debates, o organizador do pensamento ou lógico, o preparador para os discursos racionais e as defesas jurídicas. As formulações éticas e políticas, a busca integral da plenitude da cidadania, entendida aqui como a conquista de todas as competências e habilidades, no estrito limite da sociedade escravista, dos senhores e cidadãos de Atenas é um novo e exigente ideal político que dinamiza a nova identidade do pedotriba. Mesmo em sua lógica interna, a formação do jovem e adolescente para o triunfo estético e corporal e a conquista da popularidade militar e atlética era uma fase superada na própria evolução de sua estratégia de mobilidade estamental ou social.

Hoje nossa sociedade é radicalmente outra, nosso tempo e realidade encontram-se em movimentos de intensas e vertiginosas transformações reais e objetivas. Tal intensidade reclama cada vez maior lucidez e prudência para não continuar reproduzindo matrizes obsoletas ou propostas estéreis. O modo de produção capitalista, em sua fase de internacionalização econômica e cultural, a partir da força de seus tentáculos financeiros e ideológicos tem mantido a perversa habilidade de confundir, separar e cooptar tantas consciências e solapar movimentos que se julgavam esclarecidos. Aprender com a história pode ser uma lição importante e referencial.

No campo da formação do profissional de educação física esse cenário pode ser ampliado, pois se continuarmos a propor uma formação nos limites da sociedade burguesa necessariamente teremos que reproduzir as dinâmicas contendas do capital. Isso nos obrigaria a reencetar a contradição ateniense: de um lado revitalizar ou mesmo ressuscitar o pedotriba e ornamentá-lo com as prerrogativas pós-modernas de um animador social, de um demiurgo das afetividades dilaceradas, de um restaurador de subjetividades clivadas, de um adestrador lúdico ou um performático competitivista, um promotor das culturas, um jovial marcador de jograis hedonistas, jornadas de esgrimas induzidas de danças opacas, músicas ensurdecedoras e liturgias de certificação mercadológicas de auto-estima artificiais. Por outro lado teríamos que contrapor a formação cultural, a reflexão para a atuação e consciência política na sociedade, o conhecimento do mundo do trabalho e das formas e mecanismos do poder, a lucidez teórica para a denúncia e contraposição crítica aos habilidosos condicionamentos ideológicos, enfim, conscientização, esclarecimento, organização cultural e cidadania.

Tomadas de maneira fragmentada, sem atentar para as formações econômicas que determinam as estruturas e instituições sociais, essas duas perspectivas guardam diferenças ou variações inusitadas, mas no seu núcleo radical equivalem-se, ajustam-se à finalidade e limite da suposta ordem capitalista atual. Práticas culturais em oposição ao conhecimento, acentuação em aspectos subjetivos, flexibilização de comportamentos e consensos sociais, um cultivo exacerbado da individuação, todos esses elementos apontam para as possíveis variações conjunturais.

O que propor, então? Um projeto político-pedagógico de formação do profissional de educação física pautado na busca da *omnilateralidade*, inspirado num complexo de valores que supere os limites da sociedade capitalista, desumanizadora e exploratória. Nesse sentido seria de fundamental importância a construção de referenciais para a atuação do profissional de educação física como docente, como professor, formado para atuar nos diversos níveis e modalidades da educação formal, como um intelectual capaz de atuar numa escola e projeto de educação em vista da emancipação humana. Tal inspiração, todavia, deverá superar a estrita demanda de mercado, como propalam alguns, a reduzir tal ofício social a uma domesticada e servil tarefa de preparar ou divertir as camadas sociais abastadas. Ou ainda reves-tir sua formação técnica a um conjunto de atividades de animação social em vista do desenvolvimento catártico de entretenimento e lazer, ainda que com contornos e apelos populares ou mobilizações de massa. O *educador físico* que almejamos formar projeta-se como um agente social e profissional que busca superar a formação técnica por sua apropriação emancipatória, que articula os fundamentos da cultura, do conhecimento e da ciência aos valores e diretrizes éticas e políticas emancipatórias.

O pecado original da educação física pode ser considerado como a escolha decorrente da clivagem estrutural de sua institucionalização primordial: identificar-se com a função do pedotribo primevo, como treinador do corpo, instrutor das práticas de entretenimento das elites. Tal superação somente ser possível pela prática de formação que se oriente pela busca e aquisição de sólida bagagem cultural, conhecimento crítico e atuação política. Conhecer a escola, a educação como parte da práxis social, as potencialidades e contradições de toda ação educativa na sociedade de classes, sem cair no idealismo próprio do pensamento mágico e ingênuo ou ainda deslizar para o ceticismo crítico, estéril e reprodutivista, essa talvez seja a primeira barreira a ser superada.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ANDERSON, P. *O Fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- APPLE, Michael. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1989.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989.
- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Ed. da UNB, 1985.
- BALIBAR, E. *A Filosofia de Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1992.
- ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1981.
- EVANGELISTA, J. *Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno*. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- HOBSBAWM, E. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.
- _____. *Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 598 p.
- KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Práxis*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- MANACORDA, M. *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- _____. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1967.
- MARX, Karl. *Escritos de Juventud*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1987.
- _____. *Miseria de la Filosofia*. Moscú: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1963.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- PLATÃO. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Pensadores).
- _____. *A República*. Brasília: Editora da UnB, 2003.
- PLEKHANOV, G. *A Concepção Materialista da História*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.
- SILVEIRA, Paulo e DORAY, Bernard. *Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade*. São Paulo: Ed. Vértice, 1989.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VÁZQUEZ, Adolfo. *Convite à Estética*. Trad. Gilson Batista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.